

Economistas admitem a politização mas não crêem em calote coletivo

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — A dívida externa da América Latina vem se politizando principalmente neste último mês, segundo analistas americanos entrevistados esta semana pelo GLOBO. Os observadores não prestam muita atenção às declarações do líder cubano Fidel Castro e ao mesmo tempo estão muito céticos de que as declarações do presidente peruano serão transformadas em atos.

— Uma coisa é dar um discurso em Lima para um público peruano na sua pior crise econômica outra coisa é vir negociar em Nova York com os banqueiros credores que apesar do não pagamento dos juros ainda dão um certo crédito ao Peru. Não sei se as declarações políticas na América Latina são para um consumo doméstico ou se têm algum significado para os credores. A história tem provado a primeira hipótese, — comenta o economista Eduardo, mestre da Salomon Brothers em Wall Street em entrevista ao GLOBO.

Já o observador econômico William Cline, do Instituto de Economia Internacional, além de ter a mesma opinião política do seu colega da Salomon, afirma que a dívida está evoluindo para um outro plano além do FMI.

— É possível que os países consigam fazer o que fez a Venezuela e negociar com os bancos credores sem a interferência do FMI. O Brasil poderia tentar. Mas ainda acho difícil no caso brasileiro, embora seja sempre uma nova perspectiva, — observa Cline em entrevista em Washing-

ton.

Ainda na capital americana o Secretário do Tesouro James Baker, não acredita na politização da dívida. Não acho que a dívida externa latino-americana deva ser negociada politicamente — observa.

Assim, declarações como as do Presidente argentino Raul Alfonsín, do Presidente do Peru e nesta mesma perspectiva do Presidente José Sarney são consideradas para um público interno, mas que na hora da ação não chegam a serem realizadas.

— Historicamente o Brasil tem um bom crédito junto à comunidade bancária dos Estados Unidos e atualmente o crédito aumentou, principalmente pelo superávit brasileiro. O Brasil não vai necessitar de dinheiro novo; o México também tem um bom crédito no mercado americano. Já a Argentina é um ponto de interrogação. No fim das contas são as negociações com os banqueiros aqui em Nova York que decidem tudo e não declarações políticas — observa James Mc Dermott, Presidente da maior firma de analistas de bancos dos Estados Unidos, a Keefe, Bruyette and Woods.

Segundo os analistas, há muita retórica para um público interno, mas quem paga juros dá um bom sinal à comunidade financeira internacional. Em geral eles concordam que a questão da dívida externa evoluiu muito desde o choque de 1982. E por isso mesmo não há mais histeria no mercado financeiro mundial. Mas se a bomba da dívida externa ainda não explodiu, pois o pavio é longo, os observadores econômicos não descartam uma explosão.